



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**TATIANA EVANGELISTA TEIXEIRA**

**MEMORIAL: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL –  
DA FORMAÇÃO TÉCNICA A UNIVERSITÁRIA**

UBERLÂNDIA - MG  
2021

**TATIANA EVANGELISTA TEIXEIRA**

**MEMORIAL: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL -  
DA FORMAÇÃO TÉCNICA A UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia na modalidade Educação à Distância (EaD) apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Sauloéber Tarsio de Souza

UBERLÂNDIA-MG  
2021

**TATIANA EVANGELISTA TEIXEIRA**

**MEMORIAL: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL -  
DA FORMAÇÃO TÉCNICA A UNIVERSITÁRIA**

Uberlândia-MG, 04 de dezembro de 2021.

---

Prof. Dr. Sauloéber Tarsio de Souza (Orientador)

---

Msc. Monalisa Lopes dos Santos Coelho

---

Dra. Tamiris Alves Muniz

## **AGRADECIMENTOS**

A Espiritualidade que me acompanha e me concede sabedoria, humildade e paciência para a conclusão deste trabalho final.

Agradeço a mim mesma por ser dedicada e guerreira como sempre fui.

A minha dupla, Sara Russinholi, pela troca e respeito nessa jornada tão desafiadora como é o Trabalho de Conclusão de Curso.

A meu orientador Professor Doutor Sauloéber Tarsio de Souza, o qual me acompanhou durante todo o meu percurso neste curso de graduação, acreditando sempre em meu potencial por meio de constantes incentivos, tendo desempenhado um papel de confiança e dedicação imprescindível para a construção deste trabalho.

*“ Se podes olhar,  
vê. Se podes  
ver, repara”*

*José Saramago*

## RESUMO

Os temas de pesquisa abordados neste trabalho versam sobre a escrita de um memorial, e sobre o histórico do ensino profissional no Brasil. O texto apresentado tem como objetivo primário apresentar as nossas trajetórias de vida pessoal, escolar, profissional e acadêmica, bem como investigar a educação profissional do no Brasil, desde a sua criação no século XX até 2016. Os objetivos secundários são examinar com o ensino profissional no país, pode influenciar as escolhas profissionais que jovens e adultos tomam quando entram no mercado de trabalho. Além das influências do capitalismo do sistema educacional. Dessa perspectiva, buscamos observar a influência exercida pelos cursos profissionalizantes e sobre os jovens estudantes que se formam nestes cursos em busca de terem uma vida profissional bem sucedida. Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre o ensino profissional no Brasil e também realizamos a narrativa sobre a nossas trajetórias de vida iniciais até a chegada no Curso de Pedagogia na modalidade de Educação à Distância na Universidade Federal de Uberlândia.

Palavras-chave: Memorial, Curso de Pedagogia, História do Ensino Profissional.

## Sumário

1.Introdução.....	08
2. Minha Trajetória de Vida.....	09
2.1. Família.....	11
2.2. Minha Fase Escolar .....	12
2.3. Minha Vida Profissional.....	16
2.4. O Curso de Pedagogia EAD em Minha Vida.....	20
3. Breve Perspectiva Histórica do Ensino Profissional no Brasil.....	22
4. Considerações Finais.....	34
Referências.....	36

## 1 - INTRODUÇÃO

Os temas de pesquisa abordados neste trabalho versam sobre a escrita de um memorial, e sobre o histórico do ensino profissional no Brasil. O texto apresentado tem como objetivo primário apresentar as nossas trajetórias de vida escolar, profissional e acadêmica, bem como investigar a educação profissional no Brasil, desde a sua criação no século XX, até o ano de 2016. Os objetivos secundários são de examinar como o ensino profissional no país, pode influenciar as escolhas profissionais que jovens e adultos tomam quando entram no mercado de trabalho.

A partir dessa perspectiva, buscamos observar o papel destes cursos profissionalizantes ou técnicos. Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa. Como metodologia utilizamos a pesquisa bibliográfica sobre o ensino profissional no Brasil, e também realizamos a narrativa sobre as nossas trajetórias de vida iniciais até a chegada no Curso de Pedagogia na modalidade de Educação à Distância (EAD) na UFU.

Na primeira parte do trabalho, consta o memorial descritivo. Na segunda parte, examinamos a história da educação profissional no Brasil, desde a sua criação até 2016. O trabalho feito de forma remota, conta com a análise de artigos científicos que foram direcionados pelo nosso Professor Orientador Doutor Sauloéber Tarsio de Souza. Nós participamos das aulas síncronas com espaço aberto a todas as dúvidas e discussões inerentes ao tema. Na parte do trabalho onde utilizamos o referencial teórico, sobre o tema do ensino profissional o texto em dupla parceria<sup>1</sup>. Assim, desenvolvimento dos trabalhos de TCC da turma pruponham que cada aluna escrevesse sobre o seu memorial de vida.

Em relação à construção do texto do memorial Sousa e Cabral (2015, p. 153) explicam que:

Um memorial de formação é acima de tudo uma forma de narra nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. Configura-se o lócus da contação de uma história oculta aos olhos dos mais diversos leitores –a da experiência vivida por cada um de nós. Quando narramos nossa experiência de vida quer seja pessoal ou profissional, é possível produzirmos no nosso semelhante não só a percepção, mas sobretudo a compreensão daquilo que estamos fazendo e do que pensamos sobre o que fazemos. A produção é rica de acontecimentos referentes à experiência de formação, à prática profissional e também à vida. No trabalho com memórias, muita coisa entra em jogo. O sujeito aciona seus conhecimentos, crenças, valores, alegrias e tristezas, decepções e conquista e expõe sua identidade, fruto de diferentes contextos, os quais se entrelaçam numa sucessão do tempo que ora aproxima se e ora

---

<sup>1</sup> A sessão do texto que versa sobre o histórico do ensino profissional no Brasil foi construída em parceria com a colega do Curso de Pedagogia Sara Russinholi Santos.



distancia-se do seu eu.

Apresentando os aspectos históricos da modalidade educacional de ensino técnico e profissionalizante do Brasil, é possível entender como se deu essa enorme necessidade de mão de obra técnica. O nosso país sempre esteve associada à mão de obra de pessoas escravizadas, como índios e negros arrancados de seus países no continente africano. Pensando por essa lógica opressiva, em que se estruturou o trabalho escravo no Brasil, podemos entender como aprendizagem de um ofício manual, se distanciava de um conhecimento que pudesse agregar intelectualmente os aprendizes a possibilidade de ascenderem socialmente. Assim é notado que a história da educação brasileira, está totalmente ligada aos momentos históricos ocorridos.

Nos apoiando nas pesquisas do nosso referencial teórico, percebemos o quanto a modernização do Brasil, poderia ter dado um salto positivo para a melhoria social através da educação técnica ou realmente contribuir para a aumentar a constante desigualdade social. Não alegamos que somente a educação poderia resolver todos os problemas sociais, porém, é preciso entender que a exclusão de determinados grupos em situação de vulnerabilidade social, também contribui com a manutenção do capitalismo que tenta oprimir esta classe social menos favorecida, usando a meritocracia como resposta possível ao conhecimento e à ascensão social.

Então o que se busca afinal é a interlocução do mundo do trabalho, que inerente a todos os indivíduos, mas também que este trabalho possa contribuir para que este mesmo indivíduo consiga refletir sobre a sua existência e que tenha oportunidade de mudá-la se desejar.

## **2 - MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA**

### **2.1 Família**

Eu Tatiana Evangelista Teixeira tenho trinta e quatro anos. Nascida no Brasil, na cidade de Campinas-SP, uma cidade do interior de São Paulo que possui grande relevância no campo educacional. Pelas informações do site da Câmara Municipal de Campinas, cidade de

Campinas surgiu na primeira metade do século XVIII como um bairro rural da Vila de Jundiá. Sendo a terceira cidade mais populosa do estado de São Paulo. Décima primeira cidade mais rica do Brasil, o município contribui com 1% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) do País e de 44,5% do PIB do Estado. Também se destacam um moderno parque industrial e tecnológico — fruto de um plano de instalação de "*tecnopólos*", e renomadas instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual de Campinas e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E ganha enorme destaque no setor de serviços (comércio, pesquisa, serviços de alta tecnologia e empresas na área de logística).



**Figura 01.** Casa da Cultura – Antiga Estação Ferroviária (2017)

Fonte: <https://campinas.com.br/cultura/2017/05/diversos-eventos-estao-na-programacao-do-fim-de-semana-na-estacao-cultura/> - Acesso em 07 nov 2021.

Solteira, filha, irmã, amante da natureza e das artes, neste momento atuo como oficial administrativo da Prefeitura Municipal de Uberlândia e estudante, prestes a me formar no Curso de Pedagogia à distancia, pela Universidade Federal de Uberlândia. Considero-me uma pessoa pacificadora, educada, comprometida, dedicada a tudo que faço, inclusive com um certo perfeccionismo que também me gera muita insegurança, amante das coisas simples da vida. Venho da junção das famílias Teixeira e a Dos Santos, sendo filha de Marilândia e Antônio Carlos, e irmã de Thiago. A maior parte da minha infância vivi em Uberlândia-MG, pois, nos mudamos para cá quando meu pai foi transferido a trabalho da empresa, a Ferrovia Paulista S/A- FEPASA. Esta empresa paulista realizava o transporte ferroviário passageiros e de cargas, entre os estados de Minas Gerias e São Paulo.

Lembro-me com muito carinho e saudosismo das viagens que fazíamos de entre os estados de Minas e São Paulo, pois, eram viagens longas de em média duravam nove horas o. Havia paisagens fascinantes, e que eu adorava ver e sentir o cheiro da natureza. Desta época não me recordo muito, porque era nova. Assim recordo-me de algumas partes da enorme casa que vivíamos, no bairro Castelo. Era uma casa toda de piso assoalho, com uma casinha de cachorro, um portão branco de grade e um tanque enorme de cimento, que minha mãe me colocava dentro enquanto ela lavava as nossas roupas. Já aqui na cidade de Uberlândia, tinha a idade de quatro anos e como mudávamos muito, não tive lembranças significativas das outras casas quemorei. As duas casas que me lembro mais é a casa do bairro Santa Luzia e a última e atual ado bairro Jardim das Palmeiras. Nesta casa que moro até hoje, vivi ótimos momentos e momentos tão ruins que gostaria de esquecer, porém, fazem parte da minha construção como ser humano.

Quando mudamos para a casa do bairro Jardim das Palmeiras, algumas ruas não tinham a pavimentação asfáltica, então eu, meu irmão, minha prima Fernanda que morava conosco e mais duas amigas, brincávamos com as pedras, britas e os montes de terra que tinham na via e que já iria receber a pavimentação. Além de brincar muitíssimo na rua, correndo, jogando carimbada, pulando corda, brincando de casinha, de fazer comidinhas de barro, esculturas de barro, subir em árvores para colher mangas e várias frutas, tocar a campainha do vizinho e sair correndo, andar de bicicleta, patinar (na via já pavimentada), colorir, soltar pipa e jogar basquete na rua em uma sesta improvisada pelo meu irmão e os amigos dele, amava e ainda cultivo este amor, até hoje, em admirar a chuva que caía na janela e na paisagem rural que havia em frente à minha casa. Aquele cheiro de terra molhada, os passarinhos cantando, sempre foram sensações que me traziam enorme paz. E como não me recordar do começo da minha formação escolar, onde minha mãe já estimulava nossa leitura, a escrita e a imaginação, com várias revistas, gibis e livros que ela trazia. Mesmo minha mãe com enormes dificuldades financeiras e sem apoio para nos criar, ela sempre esteve atenta à nossa educação e mostrava o quanto a mesma é importante para nossa vivência em sociedade.

Atualmente, estou morando com minha mãe e minha avó. E agora parando para escrever este memorial, percebi que seremos três educadores na família, quando eu me formar em no Curso de Pedagogia no fim deste ano. Minha mãe é professora na Educação Básica, formada em Pedagogia há nove anos, e atuante na área há mais de quinze anos, pois havia feito o magistério que lhe dava possibilidade de trabalhar nos anos iniciais da Educação Básica. Meu irmão é *Personal Trainer* e Educador Físico, também se graduou na área da educação com licenciatura e bacharelado em Educação Física.

E analisando este momento, escrevendo este memorial acredito que minha mãe com sua resiliência e cuidado, nos influenciou, mesmo sem querer, a trabalhar na educação, porque parando para pensar, eu e meu irmão seguimos este caminho da licenciatura.

Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos e nestas mudanças, várias lembranças em fotos foram se perdendo, a ponto de não possuir nenhuma fotografia de nós quatro juntos. Como não tenho nenhuma foto da infância, coloquei esta foto atual, mostrando como realmente sempre foi nossa família de três pessoas.



**Figura 02.** Família de Tatiana, (2016 e 2021)

**Fonte:** acervo pessoal.

Mesmo com toda dificuldade, minha mãe se esforçou para nos criar com valores morais e buscando sempre o conhecimento e por ela ser bastante engajada em assunto da sociedade em geral, eu aprendi com ela a analisar todas as situações e a respeitar a diversidade das pessoas com quem convivemos.

## 2.2 Minha Fase Escolar

Vivenciei uma educação não formal em igrejas, centros espíritas, no esporte e em alguns cursos que já fiz. Tive ótimos professores ao longo de todo o meu ensino, desde criança até o período adulto. Dois professores inesquecíveis que tive, foram no Ensino Fundamental I, professora regente de turma Marli, e o professor do meu primeiro curso de graduação, Gestão em *Marketing*, Jeová Rodrigo que sempre lecionavam com brilho nos olhos, além de serem extremamente coerentes na mediação e interação professor – aluno.

Ao longo da minha vida, sempre enfrentei muitas batalhas para conseguir estudar. Lembro-me que quando estudava na Escola Estadual Bueno Brandão (onde ocorreu a maior parte dos meus estudos no Ensino Fundamental I e no Ensino Fundamental II e Ensino Médio), às vezes não tinha nem o dinheiro do vale transporte para ir à escola e minha mãe se desdobrava para que não desanimássemos dos estudos. Já no curso de graduação em *Marketing* havia um tempo em que trabalhava, então já conseguia custear meus estudos sozinha. Consegui um desconto para me graduar de vinte e cinco por cento do valor mensal do curso. Depois de ter pagado um ano inteiro, fiquei desempregada e neste momento optei por me inscrever no FIES para não trancar o curso e custeá-lo até o final.

Fui alfabetizada na Pré-escola, porém, já sabia ler e escrever pelo auxílio da minha mãe, que sempre incentivou muito a minha alfabetização. Lembro que na Pré-escola eu já conseguia

inventar historinhas pelas produções de textos que a professora pedia. Em relação ao antigo Maternal II, tive muita dificuldade em interagir com os alunos da minha sala. Estudei em uma escola particular no bairro Planalto, no período de um ano, porque minha mãe trabalhava quase o dia todo, então ficava difícil esperar a vaga da escola pública. Então, ela nos matriculou em uma escola privada durante este período. Recordo-me de ficar muito sozinha, no canto da sala e a professora não se importava muito. Por isso, me lembro com muito carinho de uma estagiária, cujo nome era Patrícia, e era muito atenciosa comigo e até ajudava eu e meu irmão a atravessarmos a rua para chegarmos em casa. Isso porque, o horário que minha mãe ia trabalhar, era o horário que ela deveria nos buscar na escolinha. Então, minha mãe nos esperava no outro passeio e a “Tia Patrícia”, nos atravessava na avenida. Nesta época já começava a surgir o meu martírio com a escola.

Na Pré-escola, eu estudei na Escola Estadual Alda Mota Batista, no bairro Tubalina, gostava muito de lá, pois era uma escola acolhedora.



**Figura 03.** Pré-Escola – Escola Estadual Alda Mota Batista (1994)

**Fonte:** acervo pessoal

Nesta escola, havia uma professora regente que eu gostava muito, apesar de ter me esquecido o nome dela, eu adorava suas aulas de português e quando ela nos pedia para nós produzirmos textos, realmente eu viajava em toda história que a professora contava e as que eu criava também.



**Figura 04.** Pré-Escola – Escola Estadual Alda Mota Batista – Eu e a Professora Regente de Turma  
**Fonte:** acervo pessoal

Nesta Escola Estadual Alda Mota Batista, também recebi muito carinho das dentistas que faziam um trabalho social na escola para crianças que não conseguiam pagar e para todas as que também estudavam na escola. Tinha o dia da boca roxa e assim era uma alegria. No entanto, mesmo com tanto acolhimento, comecei a sofrer o que sofreria o resto da minha existência na escola e nos demais ambientes, o racismo. Começando assim os xingamentos, as brincadeiras sem graça, por causa do meu cabelo e cor da minha pele.

Depois da pré-escola fui para o primeiro ano do Ensino Fundamental I, na Escola Estadual Bueno Brandão, onde estudaria até sexto ano. E estes anos iniciais não foram diferentes em relação ao racismo que sofria. O racismo vinha de toda parte da escola. Vinha dos professores, dos colegas de sala, e dos funcionários também. É Foi bem ruim recordar tudo isso, porque a escola deveria nos proporcionar momentos bons, grandes descobertas e acolhimento das diversidades, porém para mim, (não vou dizer que todo tempo foi ruim), porém, guardo muitas lembranças nada agradáveis. Não vou detalhar tudo, porque estas lembranças trazem um certo peso emocional e como o racismo é permanente em nossa sociedade, e eu o vivo diariamente, me alongaria muito contando apenas passagens desagradáveis. Então falarei de modo sucinto do Ensino Fundamental II, nos anos finais e do Ensino Médio.

Quando fui para o sétimo ano do Ensino Fundamental I mudei de escola, fui para a Escola Estadual do Bairro Jardim das Palmeiras que fica neste mesmo bairro. Essa mudança se deu, porque minha mãe não conseguia pagar as despesas com transporte de ônibus. Assim fui para uma escola estadual no meu bairro. Fiz o sétimo ano no turno diurno e o oitavo ano à

noite, porque fazia um curso profissionalizante no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, pela manhã.

Concluí este curso no SENAI de auxiliar administrativo no mesmo ano em que concluí o Ensino Fundamental II. Gostava muito deste curso profissionalizante, pois já imaginava que ao sair do Ensino Médio, poderia entrar em uma boa empresa para trabalhar, comprar coisas para mim e ajudar em casa. No Ensino Médio, voltei para a Escola Bueno Brandão, no período diurno, porque não tinha me adaptado bem à escola do meu bairro, pois, o ensino estava bem atrasado em relação a Escola Bueno Brandão. Era uma escola enorme, bem no centro da cidade e que recebia alunos de todos os bairros de Uberlândia. Realmente foi a escola que mais gostei de estudar.



Figura 05. Escola Estadual Bueno Brandão, Cordeiro Freitas, (2013)

Fonte: <https://cordeirodefreitas.files.wordpress.com/2013/08/imagem2.jpg>, acesso em 07/nov 21.

No Ensino Médio como sempre em outros anos sentia muita dificuldade com os números. Tudo que envolvia cálculos e exatas me atrapalhava muito. Ficava olhando as outras pessoas fazendo as atividades e não entendia nada. Naquela época eu queria fazer o curso de licenciatura em Geografia, tentei o Programa de Ação Afirmativa de Ingresso no Ensino Superior – (PAAES). Este era um programa em forma de processo seletivo por etapas. Era dividido em três etapas que acumulavam o valor das notas obtidas em cada uma e no final contabilizava o total para a entrada no Ensino Superior público, que seria na Universidade Federal de Uberlândia. Por muita dificuldade de aprendizagem dos conteúdos disciplinares e problemas familiares, fiquei de recuperação em cinco disciplinas, e não consegui recuperar, então repeti o primeiro ano do Ensino Médio, ou seja, perdi também aquela primeira oportunidade para ingresso em um curso superior.

No ano seguinte, me saí melhor nas disciplinas e já estava buscando trabalho, pois as despesas já apertavam ainda mais com a compra dos livros didáticos que tinham um preço bem alto, para minha mãe comprar sozinha. No entanto, mesmo enviando inúmeros currículos, não conseguia trabalho, porque alegavam que não tinha o Ensino Médio, porém, algumas colegas minhas, já haviam encontrado trabalho ou estágios remunerados. Enviava vários currículos e nada de participar de nenhuma seleção. Fui deixando de lado e de vez em quando, ia ajudar minha mãe no domingo quando pegava um bico de cozinheira na casa de uma senhora bem rica, dona de uma empresa de laticínios aqui de Uberlândia.

Assim que concluí o Ensino Médio, pensei que iria arrumar um emprego bem rápido, porque agora já havia concluído esta etapa de ensino, porém, mais uma vez, não foi o que aconteceu. E como sempre me esbarrava novamente com o racismo, que me impedia de trabalhar, porque agora não tinha experiência, apesar de ter concluído o Ensino Médio que era a maior objeção que faziam ao meu currículo.

### **2.3 Minha Vida Profissional**

Profissionalmente, tive uma experiência de três meses de estágio administrativo em uma empresa de massas aqui da cidade. Fiquei muito feliz porque havia conseguido a vaga pelo curso do SENAI. Consegui trabalhar de forma correta, aprendi muito, pude exercer alguns temas aprendidos no curso, pois alinhei a prática com a teoria, estando no curso de forma simultânea ao estágio administrativo.

Desta forma, depois de concluir o curso profissionalizante no SENAI e o Ensino Médio, fiquei bem animada para entrada no mercado de trabalho. Pensei que agora seria impossível eu não conseguir uma vaga de emprego, tendo o Ensino Médio completo, o curso e um pouquinho de experiência conseguida pelo estágio administrativo, porém, não foi assim que aconteceu. Me via novamente mandando currículos para todos os lugares possíveis, arrumando dinheiro de vale transporte para entregar currículos nas indústrias e em todos os lugares que diziam estar precisando de pessoas para trabalhar com Ensino Médio completo. Assim quando entregava os currículos, já tinham lugares que nem pegavam, alegando que não tinha experiência, outros porque não estava em um curso superior, outros porque já tinham preenchido a vaga e dentre outros variados motivos que inventavam para a rejeição do meu currículo.

Após fazer várias entrevistas, nos mais diversificados lugares, consegui emprego em uma empresa de *telemarketing*, onde trabalhava seis horas consecutivas, de segunda a sábado



como atendente receptivo. Permaneci nesta empresa por onze meses e com esperança de mudar de cargo e começar um curso superior de Economia ou Geografia, porém foi uma ilusão muito grande da minha parte. Nesta mesma empresa, todos processos de seleção eram por indicação e para os funcionários que, adulavam os superiores hierárquicos, tinham mais possibilidades de alcançar estes cargos pleiteados. E mesmo assim, os supervisores alegavam que o processo tinha só a ver com as notas que tirávamos nas monitorias dos atendimentos. Sendo assim, não nos permitiam acesso aos processos de seleção, conseguindo regular quem participaria ou não deles. Demonstrando com esse método que se não conseguíssemos mudar de cargo dentro da empresa, por nosso próprio mérito, a culpa seria somente nossa e nunca dos processos burocráticos e desonestos que eles usavam.

Com o passar do tempo fui ficando extremamente desanimada com aquele trabalho, pois não via um caminho para meu tão sonhado curso superior. Decidi sair deste trabalho e quando sai do *telemarketing*, fiquei sete meses desempregada, utilizando o seguro-desemprego. Estes momentos foram horríveis, porque várias vezes passei pelo desemprego e é uma situação que nos faz sentir extremamente inúteis em relação a nossa vida. Era ruim não poder vislumbrar a melhoria de vida através do estudo e trabalho, e também porque, já via pessoas com as quais estudei no Ensino Médio, fazendo curso superior e buscando as oportunidades que teimavam em não acontecerem para mim.

Em vários outros momentos passei novamente por isso, ficando desempregada e só arrumando emprego em atendimentos, sejam eles telefônicos, presenciais e no comércio. Em dois mil e onze, consegui uma vaga de emprego em um órgão público através de um processo seletivo, então, pensei que seria aquele momento a tão sonhada graduação. Depois de três meses trabalhando, fui até a Faculdade Politécnica de Uberlândia – FPU, e me inscrevi em um curso que pudesse me agregar conhecimento para o trabalho em empresas na área comercial e administrativa. Inscrevi-me no Curso de Gestão de *Marketing*. Um curso tecnológico, com duração de dois anos e meio no período noturno. Naquele curso, comecei a ver meu sonho se realizando. Estudando neste curso, já estava mais animada com a vida e tudo que aquela formação poderia me trazer de positivo. Comecei a procurar estágio, me cadastrava em todas as vagas que via na área de *marketing* e afins, muito esperançosa do que poderia ser um divisor de águas em minha vida, no entanto, foi assim que mais uma vez a exclusão me reencontrou.

Certas vagas que me inscrevia e as raras que me chamavam para um processo seletivo, alegavam que o emprego era inferior ao que eu merecia, pela graduação que eu estava estudando. Já em outras alegavam que não tinha o perfil e muito menos experiência ou qualificação, mesmo eu tendo um curso profissionalizante, um curso quase completo de Inglês

básico, por estar em um curso superior e por ter experiência na área de atendimento ao cliente. Mais uma vez, estava eu, desesperada mandando currículos em todos os sites, à procura de vagas afins ao meu curso, enquanto estudava, pois, acreditava que seria mais fácil estagiar e ser efetivada em uma empresa, do que ter que entrar sem indicação ou por processos seletivos que geralmente, não davam certo para mim. Os processos de seleção de pessoal, são extremamente seletivos com pessoas negras, e conseqüentemente, negam-lhes a possibilidade de um trabalho em determinados lugares, onde não somos bem vindos como funcionários.

Seguindo esta trajetória profissional desastrosa, no meio da minha graduação, perdi o emprego no órgão público, porque teve concurso e eu não consegui passar para permanecer na vaga que estava. E então, mais uma vez, me vi sem renda e perdida, pois não queria deixar de concluir meu curso por não ter condições de pagar as mensalidades. Foi então que aderi ao Financiamento Estudantil – FIES. Um programa federal de financiamento estudantil que possibilita financiar cursos de graduação, enquanto você estuda. E assim que o aluno conclui o curso de graduação, ele terá o dobro do período do curso para fazer o pagamento do financiamento. Ou seja, o aluno será cobrado, quando já estiver trabalhando na área que se graduou.

No meu caso, o FIES me ajudou, pois me possibilitou concluir o curso, porém com o passar do tempo, eu não conseguia um emprego que tanto sonhava para pagá-lo em tempo hábil. Foi assim que no ano de 2013, comecei a trabalhar e uma concessionária de veículos novos como atendente de *telemarketing* novamente. Como esta vaga era para fazer pesquisa de satisfação, fui encaminhada para o setor de marketing e pensei que a partir daquele momento, conseguiria realizar meu sonho de trabalhar com o que estudava, porém, novamente, em um setor de atendimento com a promessa que poderia participar dos processos seletivos depois de seis meses de trabalho, ou seja, mais uma vez, frustração total. Observei que toda vez que iriam escolher alguém para a mudança de setor, e eu me interessava pela vaga, alegavam que não tinha experiência, todavia escolhiam pessoas que nem havia terminado o Ensino Médio, ou que as áreas de estudo não tinham nada a ver com o setor comercial, por exemplo, pessoas que estudavam um curso de graduação na área da saúde, em um curso de enfermagem. Fiquei neste trabalho de atender e agendar revisão de carroceria por dez meses e já não conseguia mais estar naquele local, onde não me davam oportunidade nenhuma de mudança de cargo e conseqüentemente a melhoria salarial. Refleti muito e cheguei à conclusão que deveria pedir a rescisão contratual de trabalho e assim o fiz. Como estava no fim do curso de gestão de marketing, tentei mais uma vez encontrar vagas de estágio e também sem sucesso. Então, me formei neste curso e estava muito feliz por tê-lo concluído, porém, com enorme receio de não

conseguir um trabalho, e à essa altura e mais uma vez, buscando qualquer trabalho que aparecesse, mesmo não sendo a área de formação que havia estudado.



Figura 06. Formatura Curso Gestão de *Marketing*  
Acervo pessoal.

Com o passar de seis meses consegui um emprego em uma empresa terceirizada em Recursos Humanos. Fiquei nesta empresa por dois anos, ganhando um salário muitíssimo abaixo da média, porque não queria ficar desempregada. E para este trabalho o que estudei, não foi nem se quer mencionado, quiçá reconhecido para alguma valorização salarial. Nesta empresa novamente fui proibida de prestar os processos de seleção, porque minha chefe alegava que eu era muito devagar e não entregava o que a empresa esperava da minha atuação. Com o passar do tempo, a empresa que sonegava muitos impostos, começou a quebrar e demitir vários funcionários e eu estava entre eles. Quando saí desta empresa, tive que entrar com um processo judicial para que eu pudesse receber meus direitos trabalhistas como o Seguro Desemprego e o Fundo de Garantia de Tempo de Serviço - FGTS, que a empresa não depositava mensalmente como é previsto em lei. Estando eu mais uma vez desempregada, paguei as dívidas que tinha em meu nome e fui utilizando o dinheiro que havia sobrado do meu acerto para minhas despesas mensais, até encontrar um novo trabalho. Desta última vez, fiquei

desempregada por dois anos e já não sabia mais o que fazer, pois já tinha me esforçado para me graduar, tinha algumas experiências profissionais, dívidas com o FIES e uma enorme frustração que me acompanhava ao longo da minha triste carreira profissional e sem saber que rumo tomar em consequência de todo ocorrido. Reavaliei meu caminhar profissional e realmente constatei que o maior obstáculo da minha existência seria em âmbito profissional.

## **2.4 O Curso de Pedagogia EAD na minha vida**

O Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, surge para mim a partir desta enorme frustração que eu sentia por não ter conseguido me estabilizar em um bom emprego relativo ao curso que fiz. Depois destes dois anos de desemprego, em 2017 voltei a trabalhar na empresa de *telemarketing* que havia trabalhado a dez anos atrás, quando foi o meu primeiro emprego com registro em carteira de trabalho. Consegui ficar trabalhando nesta empresa de *telemarketing* por três meses e fui observando que realmente, não conseguia mais trabalhar com atendimento daquela forma. Foi então que mais uma vez, comecei a pesquisar vagas de emprego, informações do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e sobre concursos também. E já naquela época, pensando em cursar outra graduação, porque se dependesse da primeira que fiz, certamente, através dela, não conseguiria emprego nenhum.

Assim como precisava estudar novamente, logo pensei no ENEM, pois seria uma nova graduação, em um curso que eu não precisasse pagar as mensalidades. Foi então que comecei ler o edital com as informações do ENEM e também havia me lembrado de uma colega de trabalho que cursou pedagogia a distancia pela Universidade Federal de Uberlândia. Naquele momento, já estávamos no meio do ano de dois mil e dezete; e pesquisando as informações destes processos de seleção de alunos, já estava aberto as inscrições para o vestibular de algumas licenciaturas a distância, inclusive esta de pedagogia.

Comecei a estudar o edital, busquei as referências que estavam disponíveis nele e foquei bastante neste vestibular e simultaneamente também atenta ao ENEM. Assim, arrumei dinheiro emprestado para pagar a taxa de vestibular e fiz a prova. Lembro-me que estava muito apreensiva para fazê-la, porque seria uma nova perspectiva de empregabilidade e conhecimentos. Concluída a prova, voltei minha toda minha atenção ao ENEM, porque se não desse certo na seleção da UFU, daria em outra universidade.

O resultado do vestibular demorou muito a sair, então já imaginei que não iria dar certo, também pela quantidade de pessoas na concorrência das vagas. Como o ENEM já

estava chegando, fiz a prova para garantir a entrada de qualquer forma em uma nova graduação. Passaram-se dois meses e resultado do vestibular havia saído. Não fiquei bem classificada, por isso, nas duas primeiras chamadas, meu nome não estava incluso nas listas. Então pensei que realmente não me chamariam para esta vaga. Pela decepção que estava sentindo, nem entrava mais no site para saber as informações referentes a convocação. Passaram-se uns vinte dias e entrei novamente, só por curiosidade, porque já estava desacreditada desta vaga. Foi quando me assustei vendo meu nome e a classificação em décimo sétimo lugar nas cotas raciais. Lembro-me da felicidade que senti, pois entraria para uma universidade pública com tanto renome como a Universidade Federal de Uberlândia, além de ser gratuita, pois naquele momento era a junção perfeita. Organizei todos os documentos solicitados com a maior urgência, pois, faltavam quatro dias para o término da confirmação da vaga e o envio dos documentos. Consegui confirmar a minha vaga e toda matrícula dentro do prazo, me ajudando desde aquele momento a melhorar minha autoconfiança.

Toda esta trajetória desta nova graduação, foi bem emocionante para mim, pois com ela comecei a me sentir útil de novo; comecei a vislumbrar um futuro melhor para minha empregabilidade, porque a Pedagogia é um curso muito abrangente ao para o acesso ao mercado de trabalho.

Fazendo um apanhado de informações, o Curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Uberlândia está em sua quarta turma, tendo início de suas atividades em 2013 sendo que, esta instituição de ensino, já formou mais de duzentos alunos, distribuídos em diferentes pólos da região mineira e paulista.

Nesta trajetória de curso, meu começo foi bem desafiador. Não por estar fazendo um curso à distância, e sim, por retomar o ritmo de estudos que pudesse assegurar um bom desempenho e aprendizado. Assim, não tive dificuldade com a tecnologia, pois no curso anterior de *marketing*, eu havia feito uma disciplina na modalidade EaD, então já sabia o que me aguardava ao longo destes quatro anos como graduanda. E ao longo deste curso, fui notando como a história da educação perpassa todos os momentos históricos da humanidade e como a influencia também em investimentos e aceitação social.

Percebi que o curso à distância possui algumas situações e normativas que poderiam ser simplificadas para ajudar na melhor condução do curso, como questões de materiais antigos e demais regalias que os alunos do curso à distância não têm em virtude de nosso curso ser pela modalidade EAD. Mesmo com todos os desafios que enfrentei durante o curso, não me

arrependo da escolha que fiz a quatro anos atrás.

Neste sentido, assim como Libâneo (1999), eu acredito no seguinte conceito de pedagogia:

Pedagogia é, antes de tudo, um campo científico, não um curso. O curso que lhe corresponde é o que forma o investigador da educação e o profissional que realiza tarefas educativas seja ele docente ou não diretamente docente. Somente faz sentido um curso de pedagogia pelo fato de existir um campo investigativo - o da pedagogia - cuja natureza constitutiva é a teoria e a prática da educação ou a teoria e prática da formação humana. (LIBÂNEO, 1999, p. 12)

Apesar da minha dificuldade com os conteúdos do curso, porque a pedagogia exige muita leitura e reflexões críticas de seus graduandos, sobre vários assuntos que permeiam a sociedade, acredito que estou conseguindo encerrar o desafio dessa graduação tão grandiosa no campo educacional com muita dedicação. E vejo que mesmo com a falta de estágio presencial, da vivência escolar, onde colocaria em prática todos os conhecimentos teóricos que adquirimos ao longo do curso, consegui captar um pouco o que é o campo de ensino da pedagogia.

### **3. BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL**

O histórico da educação profissional no Brasil é carregado por repetições que percorrem várias gerações. O início da história da educação brasileira até a década de 1930, com relação à formação profissional, foram marcados pela colonização europeia. Desde essa época, havia a necessidade de uma força trabalhadora para os trabalhos manuais e inclusive para estes trabalhos realizavam-se uma busca compulsória de pessoas mais humildes, em preferência, moradores de rua (em sua maioria) índios e negros escravizados, retirando-os da rua e formando um contingente de diversos trabalhos inclusive de marinheiros para servirem aos comandos do governo nas batalhas em guerras. Assim, a “nossa sociedade se construiu sobre um regime escravocrata perverso, além disso, não havia um sistema de educação, já que ao negro não era permitido o acesso às letras, por este não ser considerado um cidadão de direito.” (LIMA, 2013, p.123)

Nestas relações escravistas de produção estiveram presentes por mais de três séculos e marcaram de modo significativo a construção das representações sobre o trabalho, a atividade primordial do homem, como ser social e histórico, que reforçavam a classificação entre trabalho manual e intelectual. Havia um enorme preconceito com todo e qualquer trabalho manual, “tudo que fosse delegado a um escravo ou mestiço considerado um trabalho

desqualificado”. (LIMA, 2013, p.123).

Neste período imperial não havia preparação alguma da sociedade para receber todas as transformações radicais pelas quais passariam os trabalhadores formais e informais. O trabalhador foi envolvido num jogo de interesses comerciais e políticos, que nunca o favoreceu.

No Brasil, a formação do trabalhador teve seu início no período da colonização do país, tendo como primeiros aprendizes de ofícios os índios e os escravos, considerados as classes mais baixas da sociedade. À elite estava destinada a educação propedêutica, de caráter acadêmico, preparatória para a continuidade dos estudos. A consideração do trabalho manual como uma atividade indigna, sob a ótica dessa elite, predispunha ao repúdio em relação às atividades artesanais e manufatureiras como a carpintaria, a serralheria, a tecelagem, a construção, entre outras. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.154).

Após a abolição da escravatura e em busca de uma vida melhor, o êxodo rural ocorreu massivamente, pois havia agora, também pessoas que estavam jogadas à própria sorte por não estarem sendo escravizadas nas fazendas. “Com as profundas alterações nas relações de produção e capital, a necessidade de difusão das técnicas, preparando gerações futuras para a continuidade dos ofícios, se tornou imperiosa.” (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016.pg 153). Com isso e também a entrada da industrialização no país, entre o século XIX e XX, foram surgindo os centros urbanos. E uma parte destas pessoas que ficaram à mercê de sua própria sorte, começaram a ser direcionadas as indústrias.

O aumento de gastos públicos, a queda dos preços internacionais, o aumento e desenvolvimento de novas tecnologias, exigiu uma nova força de trabalho, apesar de ainda ser manual, este trabalho seguiria alguns pontos alinhados às novas técnicas de produção.

O período Republicano marcado por um salto industrial e de urbanização com construção das malhas ferroviárias, de indústrias e usinas e a modernização tecnológica, pedia também qualificação profissional. As chamadas escolas de ofícios cederam espaço para as redes de ensino profissional, que deveriam atender aos futuros trabalhadores assalariados que não demoraram muito para se organizar e aderirem a movimentos grevistas. (LIMA, 2013, p.112)

Um processo que produzisse mais gerando mais lucro. E para que isso ocorresse, era necessária uma formação de base técnica que pudesse compensar o mínimo de trabalho intelectual que o maquinário exigia. Por consequência desta movimentação nos meios de

produção, a educação era concebida como mola propulsora do progresso de modernização da capacidade de produção e também na tentativa de democratização e universalização do conhecimento, no entanto, continuava sendo um sonho distante para os segmentos de baixa renda.

A educação profissional no Brasil se consolidou a partir da Revolução Industrial entre o fim do século XVIII e início do século XX, já deixando claro que a mão de obra operacional estava subjugada ao poder do capitalismo, dos senhores das classes dominantes, o que levava e ainda leva a discrepância das classes sociais. “Institui a educação profissional para o atendimento das necessidades do progresso, entendendo que quanto mais o povo trabalha menos tempo possui para reivindicação, não há espaço para pensamentos críticos.” (LIMA, 2013, p.123)

O período da Revolução Industrial trouxe profundas transformações no setor econômico, na indústria têxtil afetando diretamente o setor produtivo, essas transformações interferiram diretamente na estrutura social da população, favorecendo o poder político por parte da burguesia que seguidamente, monopoliza fortemente o poder econômico.

A educação profissional conhecida, hoje, iniciou sua consolidação em meados do final do século XVIII, a partir da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, que marca a transição para novos processos de manufatura, passando da produção artesanal para a produção por máquinas. Surgiram, assim, os teares gigantes e as locomotivas a vapor (“Maria fumaça”). Era possível não só produzir com maior rapidez, como também transportar pessoas e mercadorias num tempo mais curto e com custos mais baixos do que anteriormente. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.153).

Com o início oficial em 1909, a educação profissional no Brasil, foi apresentada como instrumento de capacitação. Em 1910 estavam disponíveis cursos para capacitação como: tornearia, mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas ministradas nas 19 Escolas de Aprendizes Artífices. “A partir da disseminação das escolas de Artes e Ofícios, as técnicas passaram a ser sistematicamente difundidas com o intuito de preparar gerações para a continuidade dos ofícios”. (WITTACZIK,2008, p.84).

Embora considerado como referencial histórico para a educação profissional, a década de 1930 e 1940, não era suficientemente adequada ao processo vivido pelos trabalhadores. Abordando especificamente o ensino profissional, técnico e industrial, a partir de 1942, a Reforma Capanema, pelo Decreto-lei n.º 4.422 (BRASIL, 1942), remodelou o ensino no país, deixando o ensino secundário todo voltado ao tecnicismo, seja ele comercial, industrial e agro técnico, sem habilitá-lo para o ensino superior.



Em 1943, foi criada a Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial. O Sistema S4, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Social da Indústria (Sesi), deram um impulso a educação voltada ao trabalho, porém, “o Sistema “S”, também possui objetivos disciplinadores através do ensino profissionalizante”, (LIMA, 2013, p.123), mantendo os estudantes da classe pobre, no seguimento de trabalho manual. Assim, deixa evidente que a educação profissional no Brasil, está voltada ao desenvolvimento estratégico comercial em diferentes áreas da produção em diferentes níveis e modalidades, estando firmada pela Lei n.º 11.741/2008, nos artigos 39 e 42, que definiram como a educação profissional e tecnológica brasileira. Nos anos seguintes à criação dessas escolas, houve sucessivas mudanças na legislação que regulamentava essa modalidade de ensino no que se refere a questões administrativas e pedagógicas, através de portarias, decretos e regulamentos.

No decorrer dos anos o Ensino Profissionalizante continuou a ser ofertado pela Rede Federal, entretanto durante os anos houve mudanças de nomenclaturas, de Escolas de Aprendizes e Artífices passaram a ser denominadas Liceus Profissionais, depois Escolas Industriais e Técnicas, Escolas Técnicas, Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) até chegar aos dias atuais, com a Educação Profissional fornecida pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, tendo sempre como objetivo a formação Profissional e nos dias atuais a formação Profissional Científica e Tecnológica. Dada a sua importância a nova Lei do Ensino Médio, nº 13.415 de 16/02/2017, traz modificações também para a Educação Profissional, sendo uma das mais significantes é a redução da carga horária dos Cursos de Educação Profissional. (GARCIA et al, 2018, p.03)

Os Centros Federal de Educação Tecnológica – CEFETs, eram mencionados anteriormente, como antigas Escolas Técnicas Federais – ETFs. E depois da mudança acarretada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, houve a extinção do chamado “ensino integrado” que fazia a junção de disciplinas básicas curriculares do ensino e do ensino profissionalizante. Sendo o “Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio propõe ensinar os conteúdos culturalmente acumulados e ser a base profissional que capacita o jovem para ingressar no mercado de trabalho e dar prosseguimento aos estudos” (LIMA, 2013, p.109).

A partir daí a expressão Educação Profissional, que constava do artigo 39 da LDBEN, passou para Educação Profissional e Tecnológica. Essa alteração teve por objetivo redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.159).

O governo federal, através do Ministério da Educação e Cultura (MEC), criou um modelo institucional inovador em termos de proposta político-pedagógica: os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, em 2008. Porém, conforme nos apontam os autores citados, em mais de 100 anos de história da educação brasileira observamos que, a evolução do ensino profissional e suas demandas por expansão e aperfeiçoamento da qualidade da formação oferecida, percebemos que ainda temos muitas nuances desse ensino que precisam ser melhoradas, conforme reiteram os autores GARCIA et al (2018) no fragmento a seguir:

A Rede Federal de Educação Tecnológica ao longo de sua história sofreu muitas mudanças e vem evoluindo no decorrer de todos esses anos. Em 2008, a Lei n. 11892 de 29 de dezembro de 2008, institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Em seu Art. 2º a referida lei reforça a razão de ser dos Institutos Federais, uma vez que deverão fornecer educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, e serem especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, levando em consideração a conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as práticas pedagógicas. (GARCIA et al, 2018, p.13).

A educação profissional no Brasil sempre esteve ligada ao retorno de capital que ela pode gerar. Em nome dessa elevação econômica da produção de bens materiais, estas políticas educacionais, juntamente com os organismos investidores, eram e ainda são elaborada para oferecerem a formação de trabalhadores, para que haja a manutenção do sistema capitalista.

As estratégias para triplicar a oferta da educação profissional e tecnológica incluem a expansão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica incentivando a interiorização desse nível educacional também nas redes públicas estaduais de ensino, inclusive na modalidade a distância. Esta ação tem o objetivo de democratizar o acesso à educação profissional e tecnológica pública e gratuita, com padrão de qualidade. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.164)

No decorrer dos anos, com as reformas políticas, a ascensão do neoliberalismo, e o apoio financeiro de órgãos internacionais, a educação teve alguns avanços na legislação em favor de uma nova concepção das políticas públicas voltadas para a educação profissional. Mesmo assim, na prática, observamos a predominância de uma postura ainda utilitarista da formação, a qual permanece inalterada na concepção de formar para o mercado de trabalho.

Por que ainda se busca a formação extremamente tecnicista, voltada ao trabalho, sem levar em consideração a condição humana de um desenvolvimento social e intelectual que realmente possa buscar a equidade social? A resposta para esta pergunta é a seguinte: Segundo LIMA (2013, p. 123) “impossibilitar que os filhos da classe trabalhadora tivessem acesso a uma educação que os formasse para atuar como cidadãos conhecedores de seus direitos e que pudessem entender a importância de um povo atuante democraticamente nas decisões.”

Condições como estas interpelam a nossa estrutura econômica, educacional e social. Os países de capital menos consolidado, trocam os projetos nacionais direcionados para a garantia dos direitos, assumindo a bandeira do neoliberalismo, e o Brasil aderiu essas nuances historicamente ao longo dos anos. Os custos da mão de obra e produção, salários baixos, a submissão dos governos (isenção de impostos, doação de áreas para instalação, privilégios) empresas detentoras de maior capital, buscam nos países mais pobres os empregos manuais e mal remunerados, enquanto as funções de gerência e planejamento, que lidam diretamente com pesquisa e produção de tecnologia, permanecem centralizadas nos países detentores do capital investidor.

(..) uma tendência de formação superficial do educando enquanto profissional, visando baixar os custos operacionais dos cursos técnicos, principalmente nas escolas federais, (...) que propõe uma profissionalização rápida, eficiente e de baixo custo, para atender às necessidades emergentes e mutáveis do processo produtivo, que, assim como se transforma de repente, prescinde de 67 trabalhadores com algum conhecimento técnico, porém com baixo custo, o que torna o seu trabalho efêmero e substituível (POLI, 1999, p. 81).

Pensando assim, o “Ensino Médio Integrado ao curso técnico é uma proposta capaz de superar a dualidade estrutural ou se torna a reafirmação da dicotomia entre ensino profissionalizante e propedêutico?” (LIMA, 2013, p. 110). Como resposta a referida pergunta, entende-se que o ensino que só profissionaliza e tecnifica ações, não consegue superar as diferenças históricas de abandono escolar e desigualdade social que o Brasil enfrenta a tanto tempo. Consequentemente, entendemos que,

A educação integrada empregada em nossos bancos escolares visa à preparação para o mercado de trabalho e à possibilidade de acesso ao ensino superior, não se parte de uma contextualização das condições sociais causadas pela sociedade capitalista, e como a massa trabalhadora possui força de mobilização, existe aqui uma enorme contradição do que deveria ser a Educação Integrada e o que ela realmente é. (LIMA, 2013, p. 119)

Segundo a Lei Diretrizes e Bases da Educação nos artigos ficam configurados para a Educação Profissional:

Art. 39. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.9 Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional.

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. Parágrafo único. Os diplomas de cursos de educação profissional de nível médio, quando registrados, terão validade nacional.

Art. 42. As escolas técnicas e profissionais, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade. (BRASIL, ano 1996, p. 20)

Os cursos devem conter alguma articulação com os mercados de trabalho, que sejam capazes de qualificar os jovens numa dada área do saber técnico e profissional, unificada com os conhecimentos recebidos no Ensino Médio, ao mesmo tempo que os desenvolvem de maneira integral, pois, segundo Firmino (2005),

Com relação à articulação com o Ensino Médio, há uma contradição na proposta do MEC para o papel que cada uma das modalidades de ensino desempenha dentro da Reforma. Enquanto para o Ensino Médio é reservado o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício da cidadania e à inserção no mercado de trabalho, ao Ensino Profissional cabe apenas o espaço preparatório para o mercado de trabalho. Ou seja, ao considerar a Educação Profissional complementar, o MEC separa os dois níveis de ensino e atribui ao Ensino Médio a tarefa de aglutinar os conhecimentos que historicamente os trabalhadores vêm buscando. (FIRMINO, 2005, p.24)

A maioria dos estudantes, não pode se dar ao luxo de se dedicar exclusivamente aos estudos, uma boa opção aos estudantes são os estágios remunerados, articulando o estudo teórico com a qualificação profissional, para a aquisição da prática no mercado de trabalho. Para isso, a perspectiva educacional visa desenvolver meios para uma aprendizagem permanente, que permita uma formação continuada, tendo em vista a construção da cidadania.

A educação profissional deveria complementar à educação básica, grande parte dos perfis profissionais propostos pelo setor produtivo, apresentam características muito vinculadas à formação geral do trabalhador, para o trabalho em grupo e para a adequação às constantes mudanças que se processam no mundo profissional. Por essa razão, as inovações

educacionais, estão em consonância com objetivo de conseguir diminuir os obstáculos que a modernidade apresenta em nosso cotidiano. Pela lei brasileira, as agências de educação profissional “tem autonomia para organizar currículos e a oferta de cursos técnicos, desde que, seja devidamente referenciada, as Diretrizes Curriculares Nacionais”. (WITTACZIK, 2008, p. 84-85). De acordo com a referida autora: “a Política de Educação Profissional do MEC objetiva “[...] promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas (BRASIL 1997, p. 34)” (WITTACZIK, 2008, p. 83).

Atualmente a rede federal de educação profissional e tecnológica está consolidada em todo território nacional com os,

Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Centros Federais de Educação Tecnológica, Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e Universidade Tecnológica Federal. “[...] prestando um serviço à nação ao dar continuidade à sua missão de qualificar profissionais para os diversos setores da economia brasileira, realizar pesquisa e desenvolver novos processos, produtos e serviços em colaboração com o setor produtivo” (BRASIL/ MEC/SETEC, 2017). Até 2002, já haviam sido construídas 140 escolas técnicas no Brasil, atendendo a 120 municípios. Com a expansão ocorrida desde 2002, o Ministério da Educação até 2010 criou 354 Campi atendendo a 321 municípios, a previsão é de 2011 a 2014 chegue a 514 Campi com atendimento a 512 municípios. (GARCIA et al, 2018, p.11-12)

A rede federal de educação profissional e tecnológica do Brasil passou por várias mudanças em todo este percurso até aqui apresentado,

Em 2008, a Lei n. 11892 de 29 de dezembro de 2008, institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Em seu Art. 2º a referida lei reforça a razão de ser dos Institutos Federais, uma vez que deverão fornecer educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, e serem especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, levando em consideração a conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as práticas pedagógicas. Em 2008, em decorrência da instituição dos Institutos Federais, houve a maior expansão da Rede, sendo que esta etapa está prevista para finalizar em 2014. Hoje são aproximadamente 400 Campi em todo o país, ligados a 38 Institutos Federais, além de várias unidades avançadas. Em cursos técnicos (50% das vagas), quase a totalidade em forma integrada com o ensino médio, licenciatura (20% das vagas) e graduações tecnológicas, podem também oferecer especializações, mestrados profissionais e doutorado, desde que voltados para pesquisa aplicada à evolução tecnológica (PACHECO, 2011). (GARCIA et al, 2018, p.13)

A lei nº 13.415 de 16/02/2017, traz um entendimento da nova estrutura do Ensino Médio,

Trata-se da reforma do Ensino Médio, a qual proporciona uma mudança estrutural no Ensino Médio, propondo melhorias para a educação. No que se refere à flexibilidade da grade curricular “o novo modelo permitirá que o estudante escolha a área de conhecimento para aprofundar seus estudos” (MEC, 2017). Originária da Medida Provisória nº 746, de 2016, de acordo com o Senado Federal. (GARCIA et al, 2018, p.14-15)

Esta nova lei, deixa bem claro que todo currículo deve estar alinhado a Base Nacional Comum Curricular, BNCC que,

“uma parte do currículo seja comum e obrigatória a todas as escolas, e a outra parte terá flexibilidade, isto posto, pretende-se que a escola se aproxime mais da realidade do estudante, refletindo nas atuais demandas profissionais do mercado de trabalho. [...] “e, sobretudo, permitirá que cada um siga o caminho de suas vocações e sonhos, seja para seguir os estudos no nível superior, seja para entrar no mundo do trabalho” (MEC, 2017). (GARCIA et al, 2018, p.14).

Em relação ao ensino profissional, a nova Lei mudou a carga horária que era de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas aula para 1200 (mil e duzentas) horas aula, fazendo o aproveitamento das disciplinas específicas do curso técnico para a complementação da carga horária. Assim, o novo Ensino Médio propõe,

[...] O novo ensino médio permitirá que o jovem opte por uma formação técnica profissional dentro da carga horária do ensino médio regular desde que ele continue cursando Português e Matemática até o final. E, ao final dos três anos, ele terá um diploma do ensino médio e um certificado do ensino técnico. (GARCIA et al, 2018, p. 14)

O profissional da atualidade deve exercer múltiplas tarefas em sistemas amplamente integrados e flexíveis. Combinando a capacidade de analisar os problemas, os imprevistos e com isso, produzir soluções criativas e imediatas, com a intenção de diminuir custos para os detentores do capital. Consequentemente, “é o Estado servindo ao capitalismo, incentivando os filhos da classe trabalhadora a se inserir no mercado de trabalho como operador de tarefas. Quanto aos filhos da elite, a educação é diferenciada.” (LIMA, 2013, p. 117), a ponto de eles poderem escolher quais profissões têm interesse em exercer.

Assim, a educação profissional passou a apresentar-se apenas como alternativa de educação destinada aos sujeitos menos favorecidos economicamente, para que a demanda por mão de obra barata e especializada fosse suprida no mercado de trabalho. Deste modo:

A educação profissional está concebida sob um paradigma pedagógico que, embora novo do ponto de vista da sua incorporação oficial, já há algum

tempo frequente e inspira muitos discursos e estudos, sem estar, ainda, presente de forma significativa na real prática educacional. De acordo com esse paradigma e como resposta ao novo perfil que a laboralidade ou a trabalhabilidade vem assumindo, o foco central da educação profissional transfere-se dos conteúdos para as competências. (BRASIL, 2000, p. 9).

Consideramos que os cursos oferecidos pelas escolas profissionais, apresentavam e ainda apresentam, considerável importância para a educação em nosso país, pois, estas escolas possibilitam aos seus alunos o ingresso do mercado de trabalho, todavia, elas não garantem sempre que todos os seus estudantes tenham êxito em carreiras profissionais que exigem maior preparo intelectual. A ideologia da empregabilidade é disseminada aos indivíduos, que devem estar em constante formação a fim de se manterem sempre qualificados, tornando-se aptos a uma vaga de emprego, em uma sociedade com um índice imenso de desemprego.

Da mesma forma, contribui para a educação profissional a melhoria da qualidade da educação; a formação baseada nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade; o cumprimento do princípio da gestão democrática da educação pública; a promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do país; a efetivação da aplicação de recursos públicos em educação que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade; a justa valorização dos (as) profissionais da educação, que não significa somente o aspecto financeiro, mas de condições adequadas de trabalho e ainda, o respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental, por vezes deixado em último plano. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.162)

Para superar problemas no ambiente de trabalho, algumas iniciativas, como o trabalho centrado, favorecem o surgimento de questões a serem resolvidas individualmente ou, de preferência, em grupos, despertando a mobilização de competências e conhecimentos já construídos em novas situações. Deste modo, tais práticas corroboram com os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes e favorecem a construção de novos conhecimentos, através de um currículo que priorize o ser humano em toda sua completude e complexibilidade, entendendo que o indivíduo deve escolher sua profissão pelos seus interesses, e não somente de acordo com o que a sociedade capitalista sugere apenas para suprir a demanda por mão de obra barata requerida pelo mercado.

Compreendemos que a educação por si só não pode ser o único fator responsável por toda exclusão social existente em nosso país, já que há diversos outros fatores políticos e econômicos que também promovem essa exclusão. Desta forma, defendemos que a educação profissional deve auxiliar os estudantes como um todo, na compreensão da nossa atual

sociedade tecnológica, do nosso sistema de produção, e o contexto social e econômico onde estes estudantes se encontram. Assim como menciona Vieira (2021) acreditamos que:

O processo de formação educacional seja ele na família, religião, escola e comunidade, ou melhor, educação formal e informal é e foi toda ela permeada pelas relações ideológicas pautadas nos interesses de uma sociedade política e economicamente capitalista na qual é dependente das relações de trabalho que nós somos explorados. Esta sociedade necessita acumular capital e o trabalho do cidadão não será pago de forma justa, ou seja, o mínimo possível. Para isso é necessário incentiva a prática consumista do cidadão, deixando-o cada vez mais dependente do trabalho e a aceitação das condições e formas estabelecidas pelo contratante. (VIEIRA, 2021, p. 28)

Percebemos como imprescindível que o ensino profissional se preocupe com as questões econômicas e sociais dos nossos estudantes como um todo. Para isso, é preciso identificar estratégias para a superação das dificuldades, buscar informações, pois, nós acreditamos que seja esse caminho que deve ser seguido pela educação profissional no Brasil nos dias atuais. Precisamos encontrar trajetórias pedagógicas que proponham a integração dos recursos em situações reais do cotidiano. Sendo assim, é importante construirmos uma educação profissional que supere os currículos prontos, mas que ofereça um currículo problematizador da realidade.

Nós, professores, estamos em uma encruzilhada, porque nossas escolas não estão preparadas para trabalhar com essas mudanças diárias que a tecnologia proporciona. Não conseguimos perceber o que realmente acontece e passa pela cabeça desta geração conectada. Estamos amarrados, na maioria das vezes, em um currículo engessado, com propósitos rígidos a seguir, sem a abertura para novas aventuras e conexões. Nossas escolas, na maioria das vezes, estão obsoletas em relação ao acesso às tecnologias e não conseguem acompanhar os seus avanços. (MIGUEL, 2014, p. 28)

A reflexão dos docentes e dos especialistas em educação, é a de que a educação profissional precisa estimular o autoconhecimento do indivíduo, e o conhecimento do lugar que ele ocupa na sociedade, emancipando-o por meio da educação, ensiná-lo a questionar a sua própria vida e o mundo, sem o viés da doutrinação do consumismo. Sendo assim,

Educação é um processo social que tem como objetivo central o processo de socialização do indivíduo, pois este não é exclusivo e sim um ser social. Sabemos que quem estabelece o sentido para o que deseja/gosta de aprender é o indivíduo, mas não podemos esquecer que é a sociedade que o instrumentaliza, ou seja, fornece a formação, segundo a sua comunidade, construindo junto ao cidadão uma concepção de bom/ruim, bonito/feio, correto/incorreto, entre vários outros parâmetros culturais e ideológicos. Infelizmente não podemos dizer que cada indivíduo tem o seu gosto, pois o gosto é construído culturalmente. (VIEIRA, 2021, p.24)



As instituições de educação profissional utilizam equipamentos de última geração que se adequam a cada fase de inovação de trabalho. Na era industrial eram esteiras, maquinários enormes que aos poucos foram sendo substituídos por novos modelos, mais compactos, outras vezes por computadores, sempre com o objetivo de preparar seus alunos para o mercado de trabalho.

A realidade da educação profissional no Brasil, seja pela herança de uma relação escravista, ou pela má gestão dos recursos financeiros, por meio do desvio de verbas educacionais dos cofres públicos, acabam por perpetuar um ciclo de exploração social e econômica daqueles cidadãos mais vulneráveis. Acreditamos que o povo padece, e é dominado, permanecendo numa condição de dependência dos recursos enviados, por países de maior desenvolvimento econômico que o nosso. Desta maneira, acreditamos que:

Na hipótese de que o MEC pretenda fazer a transposição de um modelo, é imprescindível explicitar que vertente do modelo de competência pretende adotar, porque, de um lado, não há consenso sobre o significado do conceito de competência e, de outro, também em face disso, mas não exclusivamente, porque os modelos variam de país para país. Temos, por exemplo, notícias de que o Serviço Nacional da Indústria - SENAI - trabalha com algo próximo ao modelo inglês. Mas há também, em outras esferas, referências a um modelo argentino do qual estaria muito próximo o que se pretende introduzir no Brasil. Na hipótese de que o MEC intente construir um modelo próprio, também é imprescindível que ele esclareça em quais referências pretende se apoiar. O esclarecimento é necessário porque, qualquer que seja a privilegiada, ele mapeia os terrenos teórico e político em que o debate e as ações deverão se situar. (FERRETI; SILVA JÚNIOR, 2000, p. 52)

Em consonância com o que afirmam os autores acima, nós acreditamos que a formação de estudantes críticos por meio da educação possa modificar o mundo em que vivemos. “A crescente necessidade de formar sujeitos de forma crítica, para que tenham condições de se mobilizar contra a classe que explora na luta por melhores condições de trabalho e salário digno, é motivo de discussões nos bancos escolares” (LIMA, 2013, p. 109). Pessoas bem-educadas, bem orientadas, cientes de seus direitos e deveres não se vendem, não aceitam barganhas, elas mudam o mundo, elas inventam tecnologias, porque o ser humano é capaz de muitos feitos.

É preciso que os estudantes se profissionalizem e estejam em constante aprendizado para conseguirem acompanhar as evoluções em todas as áreas da sociedade, devem buscar um constante aperfeiçoamento afim de não perderem oportunidades de conhecimento, estudos e concorrência no mercado de trabalho. Mesmo sabendo que as oportunidades ainda são menores para as pessoas de baixa renda, perfazendo e aumentando o número de pessoas em

miséria extrema, desempregados, desalentados e sem perspectiva alguma de melhoria de vida. Assim se faz necessário que a formação dos docentes também esteja alinhada à concretização de assistência ao estudante como mencionam os autores (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016),

A formação contínua de docentes que atuam na educação de jovens adultos e na educação profissional está prevista e é uma das estratégias que pode garantir a concretização do programa, além do programa nacional de assistência ao estudante, para garantir não somente o acesso, mas a permanência dos estudantes e a conclusão com êxito da educação de jovens e adultos articulada à educação profissional. (VIEIRA e SOUZA JÚNIOR, 2016, p.164).

Portanto a educação profissional precisa não apenas oferecer a formação de técnicos de nível médio, mas também a qualificação, a requalificação, a reprofissionalização para trabalhadores com qualquer escolaridade, promovendo a atualização tecnológica e um permanente desenvolvimento das aptidões para a vida produtiva. Contudo, nós reconhecemos por outro lado que, determinados conceitos que norteiam as relações produtivas e educativas, mascaram o discurso capitalista sobre a realidade de desvalorização do trabalho em função do aumento das taxas de lucro, e do acúmulo de capital pelos donos dos meios de produção, enquanto que, os cidadãos trabalhadores que só puderam ter acesso à educação profissional, que os capacitou apenas para recebem salários bem abaixo dos seus patrões, estão obviamente em desvantagem. Pois, neste caso, a educação profissional no Brasil, historicamente infelizmente acabou destinando determinados sujeitos para ocuparem determinadas classes sociais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste memorial mostrei um pouco da minha trajetória de vida, minhas memórias, os meus gostos, minhas experiências, e a estrutura dos lugares onde eu estudei. Minha história de vida pessoal foi marcada pela discriminação racial e pelo preconceito que ao estudar a história da educação descobri, que tais comportamentos encontram fundamentos para tal manifestação nas origens históricas do passado do nosso país ponto por esta razão é que ainda encontramos nos dias atuais histórias de vida como a minha que foram vilipendiadas historicamente, já que o ensino profissional desde o início foi pensado para formar e capacitar minimamente aqueles sujeitos em situação de vulnerabilidade social e econômica como: os negros, os pobres, os mendigos, que eram chamados como desvalidos da sorte.

Contando as minhas vivências, percebi o quanto a educação influência em nosso futuro,

e o quanto de estímulos que carregamos desde na mais tenra infância formam a nossa identidade. Tudo faz parte de nosso histórico social. E hoje, entender que toda a experiência de vida que tive, serviu para chegar à escrita deste memorial, me deixa orgulhosa de minha trajetória, e com toda certeza em ter escolhido este Curso de Pedagogia à distância para ser minha segunda graduação e que possibilitou-me conhecimentos e saberes que não possuía. Não digo somente conhecimentos de formação para a docência, mas também me possibilitou o autoconhecimento e uma motivação carregada de esperança em vislumbrar um futuro melhor para a minha história.

Entendo que precisarei, assim como todos os formandos deste, e demais dos cursos de graduação, continuar a busca pelo conhecimento. Tenho que aprimorar a minha observação como mediadora do conhecimento que serei, entender que terei que lidar com várias demandas pessoais e profissionais também em ambiente escolar, porque a escola também é composta por pessoas de diversas concepções e saber que como pedagoga, terei que contribuir para a formação social de meus alunos, mostrando os como deverão refletir sobre o seu conhecimento, sobre o meio em que convivem e sobre como todos estes aspectos influenciaram em suas escolhas no presente e futuro.

Por meio dessa graduação, eu acredito que sempre buscarei um consenso como mediadora do conhecimento. Quero atuar na docência, mas também estarei engajada em outras áreas que o Curso de Pedagogia. E espero ser lembrada como uma profissional que exerceu o seu trabalho dignamente e sempre em consonância com uma educação libertadora.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Educação profissional: *Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico*, Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/introduc.pdf>, Acesso em: 07 jun. 2021.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN*, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>, Acesso em 21 jun 2021.

CAMPINAS CIDADE, 2015. Disponível em: <https://www.campinas.sp.leg.br/institucional/conheca-campinas>, Acesso em 06 nov 2021.

FERRETTI, C. J. e SILVA JÚNIOR, J. R. *Educação profissional numa sociedade sem empregos*. SciELO - *Scientific Electronic Library Online*, n. 109, mar. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000100003> Acesso em 07 jun. 2021.

**Figura 01:** Casa da Cultura – Antiga Estação Ferroviária (2017). Fonte: Diversos eventos estão na programação do fim de semana na Estação Cultura. [www.campinas.com.br](http://www.campinas.com.br), 2017. Disponível em: <https://campinas.com.br/cultura/2017/05/diversos-eventos-estao-na-programacao-do-fim-desemana-na-estacao-cultura/>, acesso em 07nov2021.

**Figura 02:** Acervo Pessoal - Família de Tatiana, (2016 e 2021).

**Figura 03:** Acervo Pessoal - Pré-Escola – Escola Estadual Alda Mota Batista (1994).

**Figura 04:** Acervo Pessoal Pré-Escola – Escola Estadual Alda Mota Batista – Eu e a Professora Regente de Turma.

**Figura 05:** Escola Estadual Bueno Brandão. Fonte: José Cordeiro Freitas, (2013) FREITAS, J.C. Mensagens/Livros/Pensamentos/Poemas/Documentários/Homenagens/Vídeos. <https://cordeirodefreitas.wordpress.com>, 2013. Disponível em: <https://cordeirodefreitas.files.wordpress.com/2013/08/imagem2.jpg>, acesso em 07 nov 21.

**Figura 06:** Acervo Pessoal Formatura Curso Gestão de Marketing (2014).

FIRMINO, C. A. B. *A Pedagogia de Competências na Reforma da Educação Profissional no Brasil: entre a teoria e a prática escolar*. 2005. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2005.14>> Acesso em 5 jun 2021.

GARCIA, A. C.; DORSA, A. C.; OLIVEIRA, E. M. D; CASTILHO, M.A.D. *Educação Profissional no Brasil: Origem e Trajetória*. Revista Vozes dos Vales: Publicações acadêmicas n. 13, mai. 2018. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2018/05/Edilene1502.pdf> Acesso em 07 jun 2021.

LIMA, D. D.L. *Reflexões sobre a História da Educação Profissional no Brasil: Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio*. Revista Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS,

2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/3580/1892>. Acesso em 07 jun 2021.

MIGUEL, A. C. C. *Letramento e Práticas pedagógicas na Educação Profissional: Um Estudo de Caso de Formação Continuada para as Mídias para os Professores do SENAI/SC*. 2014. 299 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/130943/332772.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30 out 2021.

LOPES, A. *Nove Dicas para construir um Memorial - Elementos para seu memorial*, 2017-2020. <https://andrezalopes.com.br>. Disponível em: <https://andrezalopes.com.br/nove-dicaspara-construir-um-memorial/>, acesso 6 jun 2021.

POLI, C.M. *Ensino médio profissionalizante: quem o quer? A quem ele serve?* Campinas, (dissertação de mestrado, UNICAMP), 1999. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/ensino-medio-profissionalizante-quem-o-quer-a-quem-ele-serve,62670f58-315c-4089-8193-c6fa404243ee>. Acesso em 30out 2021.

SOUSA, M. G.D.S, e CABRAL, C. L. D. C (2015). *A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores*. Horizontes, 33(2). DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>, acesso em 07 nov 2021.

VIEIRA, A.M.D.P; SOUZA JR, A. *A Educação Profissional no Brasil*. Revista Interações - Vol. 12 n.40, PP 152-169 (2016): Políticas Educacionais e Gestão da Escola – janeiro/2017. Reflexões sobre a História da Educação. Disponível em: <https://doi.org/10.25755/int.10691>, acesso em 07 jun 2021.

VIEIRA, M. M. *Sociedade, Trabalho e Educação II. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB*. Uberlândia - MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2013.

WITTACZIK, L. S. (2008). *Educação Profissional no Brasil: histórico*. Revista E-Tech: Tecnologias Para Competitividade Industrial - <https://doi.org/10.18624/e-tech.v1i1.26>. Disponível em: <https://etech.sc.senai.br/edicao01/article/view/26>, acesso em 06 jun 2021.